



Vol. 32, nº 1 (2026)

A MATERNIDADE DE NATALINA E O SEU *LÓCUS* NA SOCIEDADE

NATALINA'S MOTHERHOOD AND ITS LOCUS IN SOCIETY

Josiane Miranda Barbosa¹

Recebimento do Texto: 15/11/2025

Data de Aceite: 10/12/2025

Resumo: Analisaram-se, neste artigo, as relações entre a mulher e a maternidade no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, da coletânea *Olhos d'água* (2015), de Conceição Evaristo. A representação da mulher negra, sobretudo como mãe, e a importância de sua maternidade foram historicamente negadas, pois esse papel foi socialmente atribuído às mulheres brancas, enquanto à mulher negra foi negado o direito à maternidade. Apesar do peso cultural e da proeminência social da figura materna no imaginário coletivo, bem como da imposição da maternidade como ideal, o papel da mãe permaneceu pouco explorado na literatura. A abordagem foi mediada por Badinter (1980), Bourdieu (2002) e Benjamin (1994).

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Literatura brasileira. Maternidade.

Abstract: This article analyzes the relationship between women and motherhood in the short story “How Many Children Did Natalina Have?”, from the collection *Olhos d'água* (2015), by Conceição Evaristo. The representation of Black women, especially as mothers, and the significance of their motherhood were historically denied, as this role was socially assigned mainly to white women, while Black women were deprived of the right to motherhood. Despite the cultural weight and social prominence of the maternal figure in the collective imagination, as well as the imposition of motherhood as an ideal, the role of the mother remained little explored in literature. The approach was mediated by Badinter (1980), Bourdieu (2002), and Benjamin (1994).

Keywords: Brazilian literature. Conceição Evaristo. Motherhood.

1 Introdução

Este artigo pretende refletir sobre a representação da maternidade na narrativa “Quantos filhos Natalina teve?”, conto do livro *Olhos d'água* (2015), de Conceição Evaristo. O trabalho constitui um recorte inicial de uma pesquisa de doutorado em andamento que busca discutir o tema da maternidade em duas obras da literatura brasileira contemporânea de Conceição Evaristo. A literatura brasileira apresentou a figura materna na configuração de suas personagens de forma esparsa. Essa figura aparece no romantismo brasileiro, com *Iracema*, de José de Alencar.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT). Bolsista CAPES. E-mail: josiane.miranda@unemat.br



Ao longo do século XIX, observa-se a predominância de personagens femininas marcadas pela ausência materna, como em *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e *Dona Guidinha do Poço*, de Manoel de Oliveira Paiva. É pela ausência das mães que as filhas engendram uma complexidade na narrativa, sendo uma das raras exceções, ainda no século XIX, o romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio. Nesse sentido, observa-se que a crítica feminista tem abordado diversas inquietações no que se refere à imposição social sobre a vida e o corpo feminino.

Conceição Evaristo, escritora negra que faz questão de traçar uma escrita permeada por questões raciais, foi uma das autoras que decidiu contrariar os discursos construídos sobre a negritude. Evaristo ocupa espaço em uma linha de autoras negras que vêm desde Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, chegando à contemporaneidade com Geni Guimarães, Jarid Arraes e Esmeralda Ribeiro — no contexto brasileiro. Há, no entanto, outras escritoras espalhadas pelo mundo que deixaram de ser coadjuvantes, tornando-se protagonistas na produção científica voltada às relações raciais e de gênero, estabelecidas na vida em sociedade, como afirma Woolf (2014, p. 45), “graças à labuta das mulheres obscuras do passado”.

Evaristo é uma das principais referências quando se questiona a escrita negra e feminina no Brasil. A autora é reconhecida por suas obras que trazem conteúdos de combate ao preconceito de raça e gênero, além de ser consagrada por importantes prêmios, como o mais tradicional e desejado prêmio literário do Brasil, o *Jabuti*, no qual foi finalista e vencedora, em 2015. A escritora mineira deixa claro que sua escrita serve para balançar as estruturas canônicas, nas quais a personagem negra foi constantemente representada sob estereótipos negativos. Evaristo também sustenta que “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande e, sim, para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2014). É com esse pensamento que a autora aparece no cenário literário brasileiro na década de 1990, devolvendo às personagens negras elementos simbólicos-configurais necessários e urgentes, como a humanidade e a subjetividade.



2 A Santa maternidade

Há muito tempo, as definições de maternidade e de mãe perfeita são ditadas pelo patriarcado, em que a mãe, por amor a seu filho, deve superar tudo, inclusive abusos e violências. Evaristo traz esse tema de modo recorrente em suas obras, representa-o, porém, em diferentes contextos e quebra, dessa forma, o paradigma estabelecido.

A maternidade, ainda hoje, é frequentemente revestida por uma aura de sacralidade que dificulta sua problematização crítica. Como afirma Elisabeth Badinter (1980, p. 9), “continua difícil questionar o amor materno, e a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada à Maria, símbolo do indefectível amor oblato”. Em *O Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno* (1980), a autora desmonta a ideia de que o amor materno seria um instinto natural e universal, demonstrando seu caráter histórico e culturalmente construído, condicionado por transformações sociais, econômicas e ideológicas.

Nesse sentido, torna-se fundamental questionar qual imagem de mãe a sociedade ainda preserva e reproduz. Se, em períodos anteriores, sobretudo sob forte influência do imaginário cristão e de uma tradição literária predominantemente masculina, a maternidade era concebida como uma bênção divina a ser vivida com abnegação, resignação e gratidão, a literatura contemporânea — especialmente aquela produzida por mulheres — tensiona esse modelo ao evidenciar experiências maternas marcadas por ambivalências, conflitos e atravessamentos de classe, raça e gênero. Assim, ao invés de reafirmar o ideal da mãe universal e naturalmente amorosa, essas narrativas promovem uma dessacralização crítica da maternidade, revelando-a como uma experiência plural, historicamente situada e, portanto, passível de contestação e ressignificação, como se observa na construção da personagem Natalina no conto de Conceição Evaristo.

Apesar da enorme força cultural do imaginário da mãe, de sua importância social e da exigência da maternidade, na literatura, o papel materno não foi explorado. Dessa forma, observa-se que a historiografia literária aborda muitas inquietações no que se refere à imposição social sobre a vida e o corpo feminino. Na literatura contemporânea, pode-se observar uma galeria de personagens, como Dôra, de *Dôra Doralina* (2020)², de Rachel de

² Publicado, inicialmente, em 1975.



Queiroz, que trazem à tona a complexidade tanto social quanto psicológica envolvida na maternidade, dessacralizando, em parte, esse mito enraizado não só na cultura de nosso país, mas também em outras. A autora aborda a desconstrução da ideia romantizada da maternidade por meio da personagem Natalina, evidenciando sua força como mulher, suas decisões e sua liberdade. Além disso, a personagem reivindica sua identidade e não mais aceita a identidade imposta socialmente.

Observa-se que a maior parte da humanidade não existiria sem o trabalho e o cuidado desempenhados por mulheres. Se chegamos até aqui, é porque, em algum momento, uma pessoa — quase sempre uma mulher — dedicou incontáveis horas à nossa saúde, nutrição, educação e higiene. Porém, por muitas razões patriarcais, esse trabalho tão imprescindível não apenas deixa de ser remunerado, como também não é valorizado por aqueles que dele se beneficiam. Exemplo disso é que muitas mulheres sentem que precisam manter uma vida profissional suficientemente bem-sucedida e uma rotina de reuniões empresariais exaustivas para cobrar de seus companheiros uma divisão mais justa no cuidado com os filhos e na realização das tarefas domésticas.

Historicamente, a maternidade da mulher negra sempre foi permeada por ausências e renúncias. No período da escravidão, essa maternidade, muitas vezes fruto de violências sexuais, era utilizada para a reprodução de novos escravizados, que se tornariam propriedade de seus opressores. Dessa forma, a separação entre mãe e filho era inevitável, não havendo espaço para o exercício da maternidade com afeto, que, muitas vezes, era direcionado ao senhorzinho, a quem essas mulheres eram obrigadas a amamentar e cuidar.

A historiografia relata, ainda, as amas de leite que amamentavam os filhos dos senhores de escravizados, porém não registra o filho biológico dessas mulheres, a quem essas mães possivelmente desejavam nutrir. Ademais, a paternidade não era sequer mencionada, e o homem, ao qual cabia a função de engravidar as mulheres escravizadas, não assumia a responsabilidade paterna. Sendo assim, a afetividade foi mais um dos direitos retirados da mulher negra, aspecto que se reflete até os dias atuais.

A imagem da mulher-mãe e a concepção de que toda mulher possui um instinto materno e que só se realiza no casamento e na maternidade foram e continuam sendo difundidas na sociedade a ponto de serem praticamente inquestionáveis. Em novelas, propagandas, obras literárias e em outras manifestações culturais, essas ideias ainda são



constantemente reproduzidas. Em parte dessas representações, as personagens femininas nos são apresentadas como boas esposas e mães extremosas, que parecem não ter outros anseios e desejos que as afastem desses papéis sociais. Diante desse contexto, uma mulher que revele não desejar casamento e filhos, ou uma mãe que confesse não se sentir feliz com a maternidade, que não tenha vontade de cuidar ou de amamentar, passa por um processo de silenciamento e invisibilidade e nem sempre consegue ser compreendida.

Na literatura, o mito da mãe preta surgiu ainda na cultura dos folhetins oitocentistas, com a história da “Mãe-preta”, uma ama de leite escravizada que foi afastada do filho recém-nascido para prestar cuidados ao filho dos senhores de escravizados. “Ao invés de ódio e revolta, seu coração, porém, era acessível ao carinho, dado aos sentimentos de lealdade, resignação, subserviência e ao amor maternal” (Roncador, 2008, p. 130).

Até os dias atuais, o imaginário social reforça o estereótipo da “mãe preta” ao delegar automaticamente os cuidados maternos às mulheres negras. Desse modo, configura-se um lugar de subserviência e amparo presente desde o período das mulheres escravizadas, que cuidavam dos filhos brancos dos senhores de engenho e fazendeiros no Brasil Colônia. Além disso, essa lógica se estende à contemporaneidade, na qual muitas mulheres negras ainda ocupam funções como babás e empregadas domésticas, frequentemente mal remuneradas e sobrecarregadas.

2.1 “Quantos filhos Natalina teve?”

A coletânea *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, publicada, inicialmente, no Brasil em 2014, constitui-se como um conjunto de 15 contos que tematizam as experiências de personagens negras, com ênfase nas trajetórias femininas inseridas em contextos de pobreza e exclusão social. Sob uma perspectiva crítica, as narrativas evidenciam um cotidiano atravessado por estruturas de opressão, como o racismo, a violência e a desigualdade socioeconômica, ao mesmo tempo em que revelam dimensões subjetivas marcadas pelo afeto, pela resistência e pela busca por dignidade. Desse modo, a obra articula denúncia social e valorização da experiência vivida, configurando-se como um importante espaço de representação e voz para sujeitos historicamente marginalizados.



O conto de Conceição Evaristo estrutura-se a partir de um narrador heterodiegético, ou seja, em terceira pessoa, recurso predominante na coletânea *Olhos d'água* (2015). Dos 15 contos que compõem a obra, 12 são narrados em terceira pessoa, enquanto apenas dois adotam a primeira pessoa e um mescla ambas as perspectivas. Tal escolha narrativa sugere uma ampliação do campo de observação, o que permite ao narrador transitar por diferentes experiências e subjetividades sem a centralidade de um “eu” enunciador.

O narrador em terceira pessoa, embora não participe diretamente da história, assume uma posição de profunda proximidade com a experiência vivida pela protagonista, revela sua interioridade e, ao mesmo tempo, amplia a vivência para um plano coletivo. Essa construção narrativa dialoga diretamente com as reflexões de Walter Benjamin em *O narrador* (1994), sobretudo na ideia de que a verdadeira narrativa não se limita à transmissão de informações, mas carrega e comunica experiências (Erfahrung) densas e compartilháveis.

No conto em estudo, o narrador heterodiegético não apenas relata os acontecimentos da vida de Natalina, mas também elabora uma tessitura marcada pela memória, pela oralidade e pela repetição, elementos que Benjamin (1994) associa à tradição narrativa oral e à circulação de saberes entre gerações. Dessa forma, ainda que situado em uma forma escrita contemporânea, o narrador de Evaristo resgata a função do narrador benjaminiano ao transformar a trajetória individual de uma mulher negra em expressão de uma experiência histórica coletiva, rompe com a lógica da informação imediata e reafirma a narrativa como espaço de elaboração, resistência e partilha de sentidos.

No que diz respeito à temporalidade, a narrativa não se organiza de maneira linear, sendo marcada por um tempo psicológico, o qual rompe com a sequência cronológica tradicional, uma vez que o conto se inicia pelo desfecho e, a partir dele, reconstrói os acontecimentos. Esse procedimento contribui para intensificar o impacto da narrativa e para evidenciar a dimensão subjetiva da experiência vivida. Quanto ao espaço, delinea-se um ambiente urbano atravessado por múltiplas formas de violência, o que inscreve a trajetória da personagem em um contexto social adverso e excludente.

Nesse cenário, a narrativa acompanha a trajetória da menina-mulher, Natalina, e suas experiências com a maternidade, construindo uma reflexão crítica sobre esse tema. A própria nomeação da personagem revela-se significativa: “Natalina” deriva do latim *natalis*, relacionado ao ato de nascer, além de evocar simbolicamente o nascimento de Jesus Cristo



na tradição cristã. Tal associação sugere, em um primeiro momento, uma aproximação com a ideia de vida, origem e renovação. No entanto, ao longo do conto, essa expectativa simbólica é tensionada, uma vez que os “nascimentos” vivenciados pela protagonista não se alinham a uma perspectiva idealizada ou sagrada da maternidade. Ao contrário, a narrativa evidencia experiências marcadas por dor, violência e ambivalência, subvertendo o imaginário tradicional associado tanto ao nome quanto à própria condição materna. Desse modo, a construção da personagem articula, de forma crítica, linguagem, simbolismo e experiência social, aprofundando a problematização da maternidade no contexto contemporâneo.

No conto, Conceição Evaristo desconstrói estereótipos socioculturais acerca da maternidade ao explorar a subjetividade de Natalina, mulher forte e corajosa, ao narrar as quatro gravidezes de forma indesejada ao longo de sua vida. A narrativa é estruturada a partir de *flashbacks* da personagem principal, sobretudo em relação aos atravessamentos das gestações da personagem, tendo início com o relato da primeira gravidez de Natalina, que acontece acidentalmente em meio a “brincadeiras” com o namorado Bilico, ainda na adolescência:

brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. A mãe desesperada perguntou se ela queria o filho e se Bilico queria também. Ela não sabia responder por ele. Sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai (Evaristo, 2015, p. 44).

A personagem, mesmo muito jovem, realiza, sozinha, diversas tentativas de aborto com os conhecidos “chás caseiros”. Sem sucesso, recorre à mãe, que, ao desconfiar da gravidez e temer a chegada de mais uma criança em um ambiente precário e superlotado, sugere levá-la até “Sá Praxedes”, descrita como uma velha parteira que “comia meninos” (Evaristo, 2015, p. 44). Muitas vezes, mulheres grávidas entravam em seu barraco e saíam sem filhos, reforçando o mito associado ao imaginário popular sobre mulheres que praticavam abortos clandestinos.

A relação entre Natalina e sua mãe evidencia uma convivência marcada pelo medo: “Natalina não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai” (Evaristo, 2015, p. 43). A mãe da personagem também não desejava aquela criança: “Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha?”



(Evaristo, 2015, p. 43). Nesse fragmento, observa-se que ambas, mãe e filha, são frutos de um processo de construção social marcado pela desigualdade e pela violência.

Bourdieu (2002) busca historicizar o que parece natural, tanto as estruturas do pensamento quanto as práticas, bem como a própria dominação masculina, que muitas vezes é tida como natural e, por isso, não é contestada, nem mesmo por algumas mulheres. A violência simbólica, em alguns casos, passa despercebida por estar inserida em nossas categorias de entendimento, na forma como concebemos o mundo, sendo, assim, naturalizada. No entanto, ela deve ser rejeitada da mesma forma que a violência física, visto que essa forma de violência legitima a violência física. No conto, constata-se a violência simbólica que atravessa gerações.

Temos uma protagonista afro-brasileira que vivencia a maternidade ainda na adolescência. A pressão psicológica é exercida pela mãe ao perceber que a filha engravidou pela primeira vez antes dos 14 anos. A jovem, depois de uma tentativa de aborto fracassada, foge de casa. Natalina teve quatro gestações, mas, em momento algum, a personagem é colocada no papel de vítima, engendrando, portanto, uma narrativa que vai na contramão de leituras generalizantes e do sexismo.

Evaristo apresenta uma personagem que tensiona os limites da experiência da maternidade, rompendo com expectativas estereotipadas acerca do mito do amor materno. Além disso, a narrativa conduz o leitor ao questionamento sobre a construção desse amor. A escritora utiliza o corpo e a sexualidade de Natalina em um *lôcus* discursivo quase transgressor, pois, além de explorar a maternidade da protagonista, relaciona-a à violência física e psicológica contra a mulher, refutando, assim, a romantização da experiência materna.

De acordo com Elisabeth Badinter, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1980), o amor materno não é algo natural: as mulheres não são predestinadas a ser mães nem a amar seus filhos. A autora demonstra que se trata de uma construção social e histórica. Essa imposição cultural gera culpa, sobretudo quando emergem frustrações que a romantização da maternidade tende a ocultar. Badinter (1980) fundamenta sua teoria na psicanálise e nas transformações sociais, evidenciando como a maternidade se constituiu como um “dever” feminino.



Além do mais, a obra apresenta, desde o século XVIII, como se deu a consolidação da maternidade como um papel exclusivamente feminino, evidenciando o momento em que o amor materno deixou de ser um luxo para se tornar uma obrigação. O texto propõe, ainda, uma reflexão sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade, enfatizando que a maternidade não deve ser imposta, mas, sim, uma escolha consciente, uma vez que o amor materno não está ligado apenas ao fato de a mulher ser mãe.

Em sua obra, no capítulo 3, *A indiferença materna*, Badinter (1980) apresenta informações obtidas em documentos históricos e literários que revelam a frieza de muitas mães em relação a seus filhos, evidenciando a ausência de demonstrações de amor e afeto. Tal postura se explica pelo fato de que os pais eram orientados a não se apegar à criança nos primeiros anos de vida, em razão das altas taxas de mortalidade infantil até o século XVIII. Havia evidências de que o amor materno existia: “Esse testemunho mostra simplesmente que, em todos os tempos, houve mães amantes e que o amor materno não é uma criação do século XVIII ou do século XIX. Isso, porém, não prova de modo algum que tenha sido uma atitude universal” (Badinter, 1980, p. 86).

No conto de Evaristo há uma quebra de paradigma nas expectativas sociais quanto à idealização da imagem da mãe perfeita, aquela em que a maternidade é desejada, esperada e vista como forma de realização da mulher, uma vez que a primeira gestação da protagonista é marcada pelo ódio.

Não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha. Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse (Evaristo, 2015, p. 44).

Na segunda gestação, Natalina estava mais atenta e tomava constantemente chás para evitar que sua barriga crescesse. Contudo, mesmo após várias tentativas de aborto, um belo dia uma semente teimosa vingou. Ela não queria o filho, sentia vergonha e culpa, e não desejava contar nem mesmo ao pai. Tonho desconfiou e acabou descobrindo que seria pai, o que o deixou feliz. Decidiu que formariam uma família.

No entanto, Natalina passou a ter novas preocupações: além da criança que crescia em seu ventre, não queria nada sério com ninguém, desejava viver sua vida de forma independente. Quando o menino nasceu, entregou-o ao pai, conforme haviam combinado. Tonho nunca entendeu por que ela não aceitou constituir uma família com ele, visto que,



para ele, a maternidade e o lar eram as formas pelas quais uma mulher poderia ser feliz e realizada, “voltou levando consigo o filho que Natalina não quis” (Evaristo, 2015, p. 46).

A primeira e a segunda gravidez foram uma surpresa para Natalina; ela não sabia o que a esperava. A narrativa revela que a personagem era apenas uma menina: “embora fosse ainda quase uma menina quando pariu o primeiro filho: “Ia fazer catorze anos” (Evaristo, 2015, p. 43). A primeira gestação lhe causou sentimentos de vergonha e ódio. É perceptível a inocência da menina, que transitava entre o desejo e o prazer, mas não compreendia que poderia engravidar. Pela forma como percebia Sá Praxedes, mulher que “comia bebês”, e por isso dela fugia, nota-se que não entendia que se tratava de abortos clandestinos. Ela morria de medo da velha. Para Natalina, as crianças que gerava eram como bonecas indesejadas, que podia simplesmente entregar a quem as quisesse.

A terceira gestação ocorreu a partir de um pedido de sua patroa, que não podia ter filhos e viu em Natalina a possibilidade de se tornar mãe. Embora tenha aceitado atender a esse pedido, sentia-se envergonhada de si mesma e da situação a que fora submetida: “Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia” (Evaristo, 2015, p. 47). Essa gestação explícita, de forma contundente, as relações de poder, gênero e classe que atravessam o corpo feminino negro. A gravidez não emerge de um desejo próprio, mas de uma imposição velada, mediada pela relação de trabalho doméstico e pela infertilidade da patroa, que instrumentaliza o corpo de Natalina como meio para alcançar a maternidade.

O sentimento de vergonha vivenciado por Natalina revela uma consciência crítica, ainda que silenciosa, da violência simbólica e física implicada na situação. Seu corpo torna-se um espaço de disputa, não apenas biológica, mas também social e histórica, marcado pela subalternização e pela negação de subjetividade. Assim, a narrativa de Evaristo pode ser compreendida à luz de perspectivas teóricas que discutem a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, evidenciando como a maternidade, nesse contexto, deixa de ser uma experiência íntima e passa a ser atravessada por relações de dominação e apagamento identitário.

A terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava. Os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam davam sempre festas. [...] Um dia, enquanto divagava em



seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, e lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. [...] A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro (Evaristo, 2015, p. 47).

O trecho resgata temas sociais, como a barriga de aluguel: os patrões viam em Natalina, uma mulher negra e de baixa renda, apenas uma fonte para procriar uma criança. Essa cena remete ao romance *O conto da aia*, de Margaret Atwood (2017)³, no qual mulheres férteis são vistas como objetos reprodutores de filhos para casais inférteis e, por meio de rituais “sagrados”, são submetidas a estupros com a finalidade de engravidar.

Em um trecho da narrativa, o narrador menciona a cor de pele da personagem Natalina: “Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu” (Evaristo, 2015, p.48). Natalina foi bem cuidada durante o período da gestação: não trabalhou, consultava-se com o médico e se alimentava bem. A esposa do patrão cuidava dela com atenção e, mesmo assim, havia um sentimento de tristeza e vergonha: “Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco. Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos [...] Tinha vergonha de si mesma e deles” (Evaristo, 2015, p. 48).

Embora a narrativa confirme que a personagem tenha concordado com tal decisão, fica nítido que ela foi vista apenas como um objeto destinado a gerar um filho para os patrões. Prova disso é que, pouco tempo após o nascimento da criança, foi esquecida por eles.

Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. As outras barrigas ela odiava. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio. Enjoava e vomitava muito durante quase toda a gravidez. Na terceira, vomitou até na hora do parto. Foi a pior gravidez para Natalina (Evaristo, 2015, p. 43).

Foram três gestações indesejadas, nas quais ela sequer viu o rosto de sua prole. Não sentia nada por eles; era como se tivessem morrido ou jamais existido. Ela odiava a barriga e todas as reações que as gestações provocavam em seu corpo; incomodava-se quando os bebês se mexiam e quando o crescimento deles estufava seu ventre. A quarta gestação foi a única em que Natalina teve, amou, cuidou e desejou o filho. Foi a única barriga que admirou

³ Publicado, inicialmente, em 1985.



ver crescer. Para ela, esse filho era apenas seu e de mais ninguém. No entanto, a última gestação narrada provoca um choque de repulsa no leitor: trata-se da cena mais forte do enredo, pois ela é vítima de estupro:

o homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu, era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida. (Evaristo, 2015, p. 49).

Tal acontecimento, cruel e criminoso, exigiu uma resposta imediata: livrar-se de seu agressor. O primeiro grito de liberdade foi o de matar o estuprador; o segundo, por escolha própria, foi o de levar a gestação adiante, fazendo da criança o fruto de um amor materno incondicional. A “aceitação” da personagem em gerar um filho fruto de um estupro contrasta com suas três gestações anteriores, nas quais ela não desejava os filhos e tentou, por diversas vezes, interromper as gravidezes, sem sucesso.

Nesse ponto, a autora demarca um momento decisivo na vida da personagem: um crime hediondo que evidencia a dimensão extrema da violência que ela já vinha sofrendo, como se as outras formas de violência não tivessem sido suficientes para que tomasse consciência de sua condição social. Evaristo (2015) coloca a personagem nessa situação para enfatizar ao leitor a gravidade da violência que a acompanha há anos. Somente quando atinge o corpo físico, ou quando se configura como crime, é que a violência é reconhecida? Só assim há comoção?

Esse conto desromantiza a maternidade sob a ótica tradicional e conservadora, construída pelo patriarcado. Segundo essa perspectiva, toda mulher nasce com o desejo de se tornar mãe e se sente realizada e completa ao ocupar esse papel, sendo vista, sobretudo, como procriadora, cuja função é gerar filhos.



3 Considerações Finais

Compreendendo a escrita de Evaristo a partir do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, da coletânea *Olhos d’água* (2015), denota-se que a autora deixa, em cada narrativa, um convite: o de colocar o leitor no lugar do outro, para, então, compreender o mundo pela perspectiva do narrador. São diversas realidades expostas de diferentes maneiras, fazendo com que o leitor não passe ileso por essas problemáticas. As personagens negras não são colocadas em situações estereotipadas; pelo contrário, são representadas de forma ainda pouco recorrente na literatura brasileira.

O percurso conturbado da maternidade vivido por Natalina revela outras perspectivas sobre a condição social de ser mãe negra. Na narrativa, o abandono de sua prole não é julgado como atitude de uma mãe desnaturada; ao contrário, a rejeição das primeiras maternidades evidencia, no enredo, o questionamento de toda uma ideologia sociocultural.

No que se refere à mulher negra, seu corpo é marcado por uma longa trajetória de violência, seja física, pela exploração da mão de obra por meio do trabalho escravizado, seja sexual, tendo em vista que o estupro foi historicamente utilizado como forma de castigo desde o período escravagista. De acordo com Angela Davis (2016, p. 20), “o estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”.

A análise desse conto de Evaristo constitui, para nós, uma provocação ao sistema e aos papéis de gênero impostos ao feminino. A narrativa convida à reflexão sobre a maternidade e a maternagem, problematizando temas como o aborto, a pobreza e a falta de oportunidades para as mulheres negras. Em todas as gestações, Natalina sentia que devia a criança a alguém ou carregava consigo a culpa e o medo: na primeira, correu de Sá Praxedes, temendo que ela devorasse seu bebê; na segunda, sentia-se em dívida com o pai da criança, que desejava constituir uma família; e, na terceira, devia a criança aos patrões.

Em síntese, o conto “Quantos filhos Natalina teve?” constitui um dos fragmentos das muitas escritas da escritora Conceição Evaristo, pois Natalina nasce de experiências e vivências que dialogam com o cotidiano da autora. Vê-se, nesse percurso, uma entre tantas outras experiências da mulher negra. Evidencia-se que a escritora não busca limitar as mulheres negras a um espaço social de violência, exploração e subalternidade, mas expor e



Vol. 32, nº 1 (2026)

resgatar situações que denunciam essas condições. Em resposta à pergunta que intitula o conto, Natalina teve apenas um filho: aquele que reconheceu como seu, amou e desejou, o único concebido “entre os limites da vida e da morte”.

Referências

ATWOOD, M. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BADINTER, E. **O amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

EVARISTO, C. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, C. **Escrevivência**. Itaú Cultural. 2014. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia>. Acesso em: 25 out. 2025.

QUEIROZ, R. **Dôra, Doralina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

RONCADOR, S. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 31, Brasília, jan.-jun. 2008, p. 129-152.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.